

## A diáspora árabe na escrita de Salim Miguel

Alberto Sismondini<sup>1</sup>

Centro de Literatura Portuguesa  
Universidade de Coimbra - Portugal<sup>2</sup>

No fim do século XX, ao chegar um novo milénio, numa efeméride em que o Brasil também comemorava os seus primeiros quinhentos anos de vida, surgiram muitos debates a respeito das origens do país e dos brasileiros. A multifacetada composição étnica da nação suscitava um maior interesse pelo desenvolvimento de pesquisas genealógicas, num processo que igualmente afetou o imaginário do país, levando a produção cultural (da alta cultura até ao consumo) a interessar-se pelas raízes humanas da população brasileira e abrangendo também o tema da imigração. O Brasil não fugiu a uma tendência global, basta lembrarmos o famoso romance afro-americano *Roots: the saga of an American family*, de Alex Haley, publicado em 1976, enquanto os Estados Unidos festejavam o seu ducentésimo aniversário.

A imigração árabe já ganhou uma certa fama literária em todo o país graças a Ana Miranda e seu *Amrik* (1997), a inesquecível história de Amina, migrante levada para o Brasil, que chamou a atenção da mídia para uma comunidade exemplar na sua forma de integração ao país. Se é verdade que atmosferas orientais aparecem como pano de fundo nos trabalhos de Raduan Nassar, Milton Hatoum e nos primeiros esboços autobiográficos do próprio Salim Miguel, é com *Nur da escuridão* (1999) que vem sendo colmatada a ausência de um romance autobiográfico de amplitude épica sobre libaneses e sírios no Brasil. O autor é Salim Miguel, que passou, tal como um rito de passagem, pela experiência da viagem ultramarina, pois nasceu no Líbano. O homem que foi o artífice da emancipação da inteligência catarinense da dependência cultural do eixo Rio – São

---

<sup>1</sup> Alberto Sismondini formou-se em Línguas e Literaturas Estrangeiras Modernas, na Universidade de Génova. Obteve o seu doutorado na Universidade de Siena, com uma tese sobre autores brasileiros de origem árabe, que será publicada em breve publicação na Itália. É docente do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, membro do Centro de Literatura Portuguesa, sediado em Coimbra.

<sup>2</sup> O presente artigo foi redigido segundo a norma lingüística vigente em Portugal.

Paulo, o leitor dos primeiros textos clandestinos dos jovens intelectuais das colônias portuguesas, publicados na revista *Sul*, o divulgador que teve de sofrer o estigma da prisão nos eventos conturbados de 1964, quando a livraria “Anita Garibaldi” sofreu a injúria do fogo, por mãos inspiradas nos feitos de Berlim em 1933, não podia não ser a personalidade certa para rememorar uma diáspora de dimensão bíblica.

A evocação do passado para construir obra do presente constitui o tema gerador do livro. O argumento da narração diz respeito à história da própria família que viveu a experiência da saída do Líbano rumo ao Brasil, ocorrida em 1927. O enredo consagra uma primeira parte do livro ao êxodo familiar, com inúmeros acidentes que levam à escolha de enveredar pelo Brasil. Uma segunda parte diz respeito às sucessivas etapas da vida no novo país, no Rio de Janeiro, na fluminense Magé e mais tarde a mudança “acidental” para o sul, nas localidades de São Pedro de Alcântara, foco de imigração alemã, e depois para Biguaçu, a poucos quilômetros da capital catarinense. Uma última parte mostra o pai já idoso e o cruzamento das memórias deste com as do autor-narrador, considerando também a força das imagens que ficam para a posteridade, ultrapassando o esquecimento induzido pela morte física do progenitor.

Escrito num estilo fragmentário, em que as informações se encontram espalhadas de forma desigual pelo romance, o livro apresenta a partir do título o contraste entre os idiomas – o árabe e o português – espelho de duas culturas em aberta dialética. De fato, a escolha dos antónimos, já que *Nur* tem significado de “luz”, pretende significar a procura de uma síntese pacificadora e a promessa de integração que os imigrantes encontrariam nas terras de Vera Cruz.

As experiências narradas no livro foram realmente vividas por milhares de árabes, na maior parte de fé cristã, naturais da região denominada desde a antiguidade como *Syria*. Existe muita documentação sobre este fenómeno, objeto de investigadores do ensino superior e locais emblemáticos, tais como o “Memorial do Imigrante”, estabelecido nas instalações da antiga “Hospedaria do Imigrante” em São Paulo, que nos permite delinear a tipologia desta migração.

A diáspora (*Jāliya* em árabe) desde o Médio Oriente deu-se a partir dos finais do século XIX, quando todo continente americano virou terra de oportunidades para essas populações. As razões do abandono da terra natal eram similares: uma crise agrícola, cuja produção era insuficiente para alimentar uma população em forte crescimento demográfico, a obrigação para os cristãos de servir no exército do império turco que os governava, o drama das lutas confessionais, nomeadamente entre maronitas e drusos, que ensanguentavam por essa altura a região do Monte

Líbano.

A epopeia de migração iniciava para os árabes de maneira diferente dos outros emigrantes. A maioria dos europeus eram aliciados a aportar na costa americana já desde o país de origem por acordos intergovernamentais, pois o Brasil procurava mão-de-obra experiente na agricultura, na extração de borracha e de minério, enquanto ninguém considerava os árabes, sendo o comércio a atividade privilegiada deste grupo.

A travessia do Atlântico era, portanto, conseguida pela solidariedade dos familiares já residentes nas Américas e os Estados Unidos constituíam o alvo principal, mas as limitações de acesso ao solo norte-americano obrigavam muitos migrantes a escolher, de forma supostamente temporária, um outro país que depois costumava revelar-se a meta final.

O livro *Nur na escuridão* percorre todas as etapas acima descritas: o casamento dos pais do escritor, Yussuf e Tamina, ainda no Líbano, os seus projetos de saída da Terra dos Cedros para as Américas e a viagem para os Estados Unidos via México, onde já se encontram a viver irmãos da mulher. A adesão ao projeto pelo cunhado Hanna forma um grupo composto por três adultos e três crianças que avança para Ocidente, numa viagem épica perturbada por um conjunto de eventos aparentemente acidentais, que obrigarão os protagonistas a mudar de rumo, abandonando a ideia de fixar-se nos Estados Unidos e escolhendo o Brasil como meta final. Entra em jogo um termo árabe muitas vezes aproveitado pelo pai do autor para explicar os desígnios do fato: **Maktub**, que bem podemos definir como *Leitwort*<sup>3</sup>, usando uma terminologia utilizada na exegese bíblica e na literatura árabe clássica<sup>4</sup>, uma palavra que simboliza a onipotência do destino ordenando a vida dos mortais<sup>5</sup>.

A palavra **Nome** entra com pleno direito no nosso léxico, pois, nos serviços de fronteira assistia-se à adaptação do nome antigo à língua oficial do novo país, um ato importante para a vida dos imigrantes. O funcionário local não entendia o árabe e procurava decifrar os documentos apresentados, tentando adaptar letras e sons expressados às normas ortoépicas portuguesas<sup>6</sup>. Uma

---

3 "A *Leitwort* is a word or word-root that recurs significantly in a text, in a continuum of texts, or in a configuration of texts: by following these repetitions, one is able to decipher or grasp a meaning of the text [...]" (Alter, 1981:92).

4 "The individual *Leitwort* usually expresses a motif or theme important to the given story; the repetition of this *Leitwort* ensures that the theme will gradually force itself on the reader's attention" (Pinault, 1992:18).

5 Em Raduan Nassar, o termo *Maktub* é usado como *Leitwort* pelo protagonista André na sua dialética contra o poder das palavras, exercido pelo pai, no seio da família: "[...] o avô, ao contrário dos discernimentos promíscuos do pai – em que apareciam excertos de várias geografias, respondia sempre com um arrote tousco que valia por todas ciências, por todas as igrejas e por todos os sermões do pai: 'Maktub'." (Nassar, 1999:91).

6 Os resultados levavam a mutações formais dos nomes (Khoury tornou-se Curi), a assimilações (Antun – Antônio; Revista Litteris – [www.revistaliteris.com.br](http://www.revistaliteris.com.br) Dossiê Salim Miguel

nova identidade que acabava com a velha, com uma adesão à nova realidade muitas vezes pretendida por alguns, para não serem vítimas de preconceitos, mas por outros outros considerada uma mutilação, tal como aconteceu ao pai do narrador:

E tu Yussef (ou José, dependendo do perguntador, curioso por saber mais, quem sabe seriam parentes), de que família és, ah, sim, os Jahnahr, sim mas me conta, patricio, se o projeto de vocês era ir ao encontro dos cunhados, homem me explica direitinho como foi que acabaste vindo parar no Brasil e virando Miguel [...] e o pai, de verdade nem sei [...]

Agora do nome, não, não sei explicar, talvez pelo passaporte francês, Michel, talvez a dificuldade na pronúncia em português do sobrenome, logo que cheguei ao Brasil virei Miguel, mais rápido que José ou “seu José gringo”, durante bom tempo um estranho Yussef [...]

Aqui no Brasil acaba-se é abandonando os nomes mais complicados e prenome vira sobrenome. (Miguel, 1999:21).

O Império Otomano, ao qual estes migrantes estavam sujeitos, contribuiu para criar um equívoco que acabou por se tornar uma definição proverbial: turco era o seu passaporte, apresentado aos Serviços de Imigração e como “turcos” esses homens foram rotulados, apesar de eles serem apenas súbditos da Sublime Porta e considerarem a Turquia como um mero dominador do seu país. **Turco** é mais uma palavra importante para a imigração árabe no Brasil, que tem eco na literatura nacional: Jorge Amado, Guimarães Rosa e Drummond proporcionam visibilidade e inclusão aos turcos. O autor de Itabira observa-os com olhar de criança e aponta as diferenças mais macroscópicas entre ele e esse grupo étnico, mas ao mesmo tempo abre seus braços e considera os turcos autênticos mineiros<sup>7</sup>. O olhar *naïve* do jovem jagunço Riobaldo em *Grande Sertão: veredas* relembra a família do turco Seu Assis Wababa e a sensual filha Rosa'uarda, declarando a sua xenofilia para com os estrangeiros<sup>8</sup>. Jorge Amado considera firmemente os turcos como parte integrante do complexo mosaico étnico nacional<sup>9</sup>. Desta tipologia étnica de figura de ficção, o turco mais famoso é com certeza Nacib, o patrão-amante-marido da mulata Gabriela, que manifesta o

---

Ahmad – Armando; Khadija – Carla) ou a traduções (Yussuf – José; Haddad – Ferreira; Harb – Guerra) (Khatlab,2002:34)

7 Cf. o poema *Turcos* (Drummond, 2002:1048)

8 “Toda a vida gostei demais de estrangeiro.” (Rosa, 2001:131)

9 “Do que não se recordava mesmo era da Síria, não lhe ficava lembrança da terra natal, tanto se misturava ele à nova pátria e tanto se fizera brasileiro e ilhaense. Para Nacib era como se houvesse nascido no momento da chegada do navio à Bahia, ao receber o beijo do pai em lágrimas [...]” (Amado, 1975:45)

próprio desgosto para com este epíteto e também o seu sentimento assumido de cidadão brasileiro<sup>10</sup>.

Se os grandes intelectuais simpatizaram com os árabes do Brasil, a pequena burguesia e o proletariado brasileiros, grupos sociais mais em contacto com os recém-chegados, nem sempre gostavam de quem fosse diferente, como provam anedotas repletas de preconceitos até ao limiar da xenofobia, onde o turco manhoso engana os ânimos simples de roceiros e caipiras.

Salim Miguel apresenta no episódio “É Turco”, da antologia *Onze de Biguaçu mais um*, a sua experiência pessoal de diversidade vivida na sua nova pátria.

A professora pede atenção. Se vira para os alunos. Ergue a voz. Quer silêncio. Diz apontando para ele: olhem só, olhem e se mirem no exemplo, há pouco não sabia só uma letra, não conhecia uma palavra de português, mal falava um português misturado com árabe e alemão, é turco e já sabe ler e escrever melhor do que quase todos, ou todos, aqui dentro [...]

A família era libanesa; querer irritar o pai (mais que a mãe), era chamá-lo de turco. (Miguel, 1977:17)

Os árabes do Brasil entraram no debate gerado pela *Questão Imigratória* e a conseguinte orientação das elites do país em convidar determinados grupos de imigrantes (preferencialmente da Europa centro-oriental, cristãos, experientes nas lavouras rurais) numa tentativa de “branquear” a raça da nação, considerada demasiado negra. Os sírio-libaneses, apesar de serem na maioria cristãos, não eram de fato considerados “brancos”, conforme uma visão comum nas Américas, do Canadá até o Chile, e a sua admissão era menos desejável<sup>11</sup>. Esta discriminação era alimentada pelo fato dos “turcos” se ocuparem essencialmente de comércio, uma atividade terciária julgada supérflua para um país sedento de braços que cuidassem os seus cafezais<sup>12</sup>.

O comércio encontra no nosso autor o sinónimo natural em **Mascate**, autêntico alicerce da presença árabe no Brasil e que tinha um valor quase apotropaico nas conversas entre conterrâneos, muitas vezes não deixando de ser um mero sonho

A palavra mascate, por exemplo, tem um poder quase mágico [...] Ao chegar ao Brasil, libaneses e sírios, árabes em geral, começam mascateando, trouxas ao ombro, sorri e acrescenta [...] Se estão se dando bem e o mascatear dá certo, vão deixar de ser trouxas, não demoram adquiram um cavalo, uma carrocinha, depois podem ter uma vendola, um armazém, loja de tecidos, quem sabe uma fabriqueta; bem poucos enriquecem.

10 “- Tudo o que quiser, menos turco. Brasileiro – batia com a mão enorme no peito cabeludo – filho de sírios, graça a Deus” (Amado, 1975: 45)

11 “Em 1930 o representante comercial brasileiro no Egito afirmou ao Ministro das Relações Exteriores, Octávio Mangabeira, que 'a cada ano, infelizmente, a imigração dos sírios e judeus ao Brasil aumenta [e] podemos dizer corajosamente que estamos povoando o Brasil e formando uma raça com o que mais repugnante existe no universo'.” (Nunes, 2000:150).

12 “Uma das causas do desemprego se encontra na entrada desordenada de estrangeiros, que nem sempre trazem o concurso útil de quaisquer capacidades, mas freqüentemente contribuem para o aumento da desordem económica e da insegurança social” - Decreto n.º 19.842, de 12 de Dezembro de 1930, *apud* Nunes, 2000:151.

(Miguel, 1999:82).

Se as expectativas de sucesso viraram realidade para alguns, para muitos a perspectiva de conduzir uma vida abastada foi apenas uma miragem, pois as contrariedades foram muitas, incluindo uma crescente hostilidade das camadas mais radicais dos nacionalistas. Formas de boicote contra supostos lóbi de comerciantes estrangeiros afetaram também o negócio paterno do nosso autor, em São Pedro de Alcântara.

O boicote começou, maior a mágoa, acompanhada de decepção, quando ficou sabendo do sermão do padre nas missas dominicais, até nas novenas. Logo os fregueses sumiam intimidados, o padre recriminava-os, por que, em lugar de procurarem as casas de comércio dos conterrâneos, procuravam a do gringo? Pela primeira vez, sim, o pai tomava conhecimento, era assim tratado. (Miguel, 1999:99).

A **Língua** árabe, falada pelos novos imigrantes reveste com certeza um papel primordial na sua afirmação identitária. O Drummond “menino antigo”, já citado, deteta na “língua cifrada” um “mundo-problema”, potencial gerador de inquietude e intolerância. A progressiva diluição da cultura oriental pelos casamentos com brasileiros de outras ascendências causam o fenômeno contado por Salim Miguel: a perda do conhecimento língua falada na infância, um processo comum a muitos filhos de imigrantes. Curiosamente, a “língua cifrada” tão misteriosa para o poeta mineiro cria problemas ao nosso autor, no próprio âmbito social da família.

O filho assiste às conversas, tem interesse em saber mais, embora se sinta constrangido quando reclamam, então veio do Líbano, começou aprendendo árabe e agora não entende uma frase do idioma dos seus antepassados [...]

Por vezes sente-se alijado, um intruso, quando começam a conversar só em árabe. (Miguel, 1999: 21-22)

O árabe no Brasil é a língua da memória, de poemas, ditados e lengalengas, transmitido de pai para filho, embora no cotidiano permaneça um patrimônio irremediavelmente perdido, sacrificado em nome da adesão à cultura do país. Muito sugestiva é a imagem delineada por Milton Hatoum, em *Relato de um certo Oriente*, onde tio Hakim ainda menino acha que o português é o idioma das crianças e o árabe a fala dos adultos (Hatoum, 99:64).

A língua é intimamente ligada à **Oralidade**, componente essencial da cultura do Médio Oriente, que acompanhou os árabes na América; Paul Zumthor sintetiza as peculiaridade da comunicação oral, onde o aspeto semiótico, em que todo o corpo participa, torna a linguagem uma função segunda. Nesta conjuntura, assiste-se ao prevalecer da função fática, em que a palavra é vetor da relação entre o ouvido e a voz, e a entoação e o ritmo prosódico da locução formam um elo

entre emissor e recetor (Zumthor, 1983:159-191).

Jihad Darwiche cita a crença popular que defende a palavra como capaz de dar vida aos elementos por ela nomeados, e por essa razão nas conversas nunca se enunciarão nomes de doenças ou de espíritos maus (os *jinn*). Trata-se de uma tradição rica e multifacetada, não apenas limitada ao conto mas que abarca também a poesia, expressada em formas espontâneas ligadas a padrões formuláicos (gazel ou *zağal*), concebidas para marcar os eventos fundamentais na vida social de um homem (nascimento, casamento, morte). Desde as épocas mais remotas da vida pré-islâmica, a *Jāhiliyya*, o ato de rapsodistas recitarem versos, depois de extenuantes travessias desérticas, convidavam à lembrança, perpetuando-se na memória pela expressão oral. Mais tarde estes versos em formas métricas apuradas – a monorrima em dois hemistíquios da *qaşīda* – introduzem o conceito de que cada verso seja uma pérola, unido ao outro pelo fio da rima. O aspeto performativo da poesia pretende atingir a sensibilidade musical e o imaginário, e não o lado racional do ouvinte: o público é fascinado pelo componente rítmico-melódico: o Alcorão, com os seus curtos versos em prosa rimada, o ritmo de muitas novelas das *Mil e uma noites*. A poesia popular como contraponto da vida quotidiana é uma forma de arte corrente no mundo árabe, juntando ao ato criativo a citação de textos compostos por poetas famosos. Salim Miguel testemunha um fenómeno interessante: a assimilação para oralidade de fontes poéticas escritas. A título de exemplo, podemos referir os versos de Omar Khayyam, Hafiz e Saadi (curiosamente, três poetas persas), que se juntaram aos de Abū Nuwās, este também personagem das *Mil e uma noites*, e aos do contemporâneo Fawzī Maʿlūf que servem de comentário aos eventos ocorridos ao longo da vida da família (Miguel, 1999: 119-120.). À palavra de autores consagrados mistura-se a expressão da cultura popular, os provérbios tradicionais que eram forma de ministrar uma educação moral no percurso de formação de um jovem. Outro aspeto peculiar é a atitude mitopoietica de contos e relatos de matriz oral. Tornar o familiar emigrado tal como um herói é o cerne do livro *Origines* de Amin Maalouf. Os contos orais não pretendem ser racionais, o *mythos* toma o lugar do *lógos* criando contextos que não correspondem às bases racionalistas do discurso canónico ocidental<sup>13</sup>. Nesta perspetiva insere-se a fabula dos avós “virtuais” do autor, cujas cartas eram forjadas pelos pais, para colmatar a falta que desamparava os filhos deles perante os colegas da escola (Miguel, 1999:119-120).

A retoma das tradição oral é aproveitada em *Nur na escuridão* como recurso narrativo: as práticas divinatórias, como a cafeomancia e as interpretações de sonhos representam a intervenção

---

13 Cf. Foucault, 1966.

de uma ordem sobrenatural nos eventos dos humanos. A epifania onírica aqui transcrita explica o nome do autor:

O sono venceu-me e dormi. Sonhei. Vi um ancião venerável entrar em minha casa. Sua idade, cerca de oitenta anos. Alto e elegante, o rosto fulgurava como o de um jovem. Tinha uma barba alva, alva como a neve do Líbano. O Aspeto era o de um santo. Chamou-me pelo nome: Yussef! Que desejas, senhor? Tua esposa está grávida e dará a luz um menino ao qual chamarás Salim. E depois de um breve silêncio:  
- Não te esqueças. Chama o menino de Salim (Miguel, 1999:51)

A narração em forma de contos representa a maior expressão da oralidade no mundo árabe e desenvolve-se conforme um estilo prosódico; podia apresentar mais protagonistas e temas e corresponderia à forma natural de enunciação de determinados argumentos em atos comunicativos informais, nos quais surgem novas histórias, relativas a um personagem do conto precedente. Este fenómeno corresponde ao modelo do “conto moldura” das *Mil e uma noites*, o qual abre para uma sequência de contos imbricados, que constituem a textura do livro.

Na tradição médio-oriental, a figura do narrador refere-se a um profissional que demonstra muita preocupação na escolha e utilização das orações enunciadas, por todos os seus constituintes serem suscetíveis de novo uso no desenvolvimento da mesma narração, onde as assonâncias, as aliteraões, bem assim como o aspeto rítmico, vocal e gestual têm um papel primordial sob o aspeto performativo da execução, sem ter de distrair os ouvintes.

Um aspeto ulterior diz respeito à solicitação vinda do público para abrir a narração, como o filósofo Baydabā convidado pelo monarca indiano em *Kalīla e Dimna*, ou como Šāhrazād é solicitada pela irmã e pelo rei Šāhryār, a iniciar as *Mil e uma noites*<sup>14</sup>, e exatamente como nas narrações desta rainha, o narrador profissional costuma suspender as histórias nos momentos candentes, convidando o público a apresentar-se para a continuação do seu relato.

Voltando para *Nur na escuridão*, a já evidenciada estrutura fragmentada e o recurso contínuo ao “flash-back”, embora criem uma fratura entre fábula e intriga, geram também contínuas alterações à ordem das sequencias narrativas fortemente imbricadas entre elas, que constituem o cerne do romance; analepse e prolepse seguem-se uma à outra, introduzidas por várias vozes: a do pai, a do filho escritor, a da mãe que vem evocada. O narrador introduz excertos de um memorial do pai redigido em árabe, que confirmam ou contrastam as versões (orais) precedentemente fornecidas. Na definição das durações dos eventos, são inúmeras as pausas digressivas, que permitem a

---

14 “Filhos pedem: fala da primeira investida, pai. O pai atende, não se faz de rogado [...]” (Miguel, 1999:85).

inserção de novos tópicos a alimentar uma conotação fantástica da vida do progenitor<sup>15</sup>. Estas anacronias forjam novos níveis narrativos e novas fábulas que se imbricam ao nível originário, de acordo com o modelo das *Mil e uma noites*.

Visto sob este prisma, este aspeto corrobora a consideração de que *Nur na escuridão*, pensado como uma derradeira homenagem à epopeia da emigração, tem de ser entendido como um memorial que aproveita os moldes orais basilares da experiência literária do Médio Oriente, criando um singular exemplo narrativo para a literatura brasileira.

### BIBLIOGRAFIA

- ALTER, Robert (1981) *The art of biblical narrative*, New York, Basic Books.
- AMADO, Jorge (1975) *Gabriela cravo e canela*, São Paulo, Círculo do Livro.
- AMIR, ABDELLUAHED (Coord. - 2005) *Los árabes en América Latina – Historia de una emigración*, Madrid, Siglo XXI – Casa Árabe.
- ANDRADE, Carlos Drummond de (2002) *Poesia completa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar.
- DARWICHE, Jihad (2001) *Le conte oriental – la tradition orale au Liban*, Aix-en-Provence, Edisud.
- FOUCAULT, Michel (1966) *Les Mots et les choses*, Paris, Gallimard.
- HATOUM, Milton (1999) *Relato de um certo Oriente*, Lisboa, Cotovia.
- IBN ALMUQAFFA (2005) *Kalilã e Dimna*, São Paulo, Martins Fontes (tradução, introdução e notas de Mamede Mustafa Jarouche).
- KHATLAB, Roberto (2002) *Mahjar – saga libanesa no Brasil*, Zalka, Mokhtarat.
- Livro das Mil e uma noites, volumes I-III* (2005-2007) (Introdução, notas, apêndice e tradução do árabe de Mamede Mustafa Jarouche), São Paulo, Globo.
- MAALOUF, Amin (2004) *Origines*, Paris, Grasset.
- MIGUEL, Salim (1977) *Onze de Biguaçu mais um*, Florianópolis, Insular.
- \_\_\_\_\_ (1999) *Nur na escuridão*, Rio de Janeiro, Topbooks.
- \_\_\_\_\_ (2004) *Mare nostrum*, Rio de Janeiro, Record.
- NASSAR, Raduan (1999) *Lavoura arcaica*, Lisboa, Relógio d'Água.
- NUNES, Heliane Prudente (2000) *A imigração árabe em Goiás*, Goiânia, UFG.

15 “O pai retoma o fio narrativo, numa técnica só dele, muito dele, que lhe vem dos ancestrais, das fantásticas lenda que ouvia e que lê [...] E o fio rompido só volta a se unir (quantas vezes, em quantas diferentes ocasiões, em quais cidades também tão diferentes)” (Miguel, 1999:18-19)

- ONG, Walter Jackson (1986) *Oralità e scrittura, le tecnologie della parola*, Bologna, Il Mulino. [*Orality and literacy, the technologizing of the world*, London and New York, Methuen, 1982].
- PINAULT, David (1992) *Story-telling techniques in the “Arabian Nights”*, Leiden, E.J. Brill.
- ROSA, João Guimarães (2001) *Grande sertão: veredas*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 19ª edição.
- SISMONDINI, Alberto (2006) *Arabia Brasilica, un Libano altrove*, Tesi di Dottorato, Siena, Università degli Studi.
- TRUZZI, Oswaldo (2005) *Sírios e libaneses, narrativas de história e de cultura*, São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- ZUMTHOR, Paul (1983) *Introduction à la poésie orale*, Paris, Seuil.